

e que foram reconhecidas por uma camada da sociedade brasileira da época, justamente para quem, com certeza, se destinavam esses textos. Afigurava-se-lhes como a tradução da sua "visão do universo" e dos seus interesses portanto. Prova é a receptividade que tiveram essas obras já no momento em que foram divulgadas.

São alguns, entre outros motivos, que nos levam a nutrir a expectativa de que essa linha de reedições prossiga, trazendo também para o nosso convívio intelectual as idéias de Sílvio Romero, Manuel Bomfim, Serzedelo Correia, o Joaquim Nabuco de "O Abolicionismo", Vicente Licínio Cardoso e outros mais. — José Roberto do Amaral Lapa.

BARRUEL de Lagenest, J. P. — Elementos de sociologia da religião (Guia para pesquisas). Petrópolis, Ed. Vozes, 1976, 70 págs. 13 x 18 cm.

A Ed. Vozes acaba de lançar o livro do Prof. Lagenest como uma introdução à sociologia da religião. Como o próprio A. indica no sub-título, trata-se, antes de tudo, de um guia para pesquisa. Aí o leitor encontra delineado um roteiro para aprofundar o tema, baseado na bibliografia citada somente no final da obra.

O profano e o sagrado, a sacralização dos lugares, do tempo e da natureza são tratados à vol d'oiseau no primeiro capítulo, onde Durkheim e Eliade são seguidos de outros autores como fontes de referência. Trata a seguir de "Os fenômenos religiosos como expressão de uma experiência religiosa", onde o mito, o dogma, os ritos e os cultos são definidos em sua interdependência. "O fato de se apresentar como manifestação coletiva não significa que é a coletividade que cria o mito, mas apenas que ela o condiciona: o mito existe em função do grupo e reflete sua estrutura e tipo de vida" (pág. 25). Se o mito pertence ao mundo das imagens, o dogma pertence ao mundo dos conceitos; o que não exige necessariamente a existência de um mito na origem de todo dogma; fato que, no entanto, ocorre com frequência. Enquanto mito e dogma são objetos de fé, cultos e ritos estão no plano do real, do agir, constituindo-se a exteriorização das mais diversas atitudes religiosas interiores, tornando real o que é "representado".

É a religião uma atitude do indivíduo ou do grupo, ou de ambos inseparavelmente? Esta questão é o objeto do cap. 3: "O fenômeno religioso caracteriza-se por ser, ao mesmo tempo, individual e social, pessoal e comunitário; nele há contínua interrelação e interação do indivíduo, da pessoa para com a comunidade e da comunidade para com a pessoa" (pág. 36). Religião de massas e religião de elites, religião estática e religião dinâmica e a integração e desintegração dos fenômenos religiosos são tratados em seguida. O fenômeno religioso nunca é puramente religioso, mas sempre condicionado por um contexto econômico, social, cultural e político. Os cismas atestam historicamente esta interdependência. Dentro desta visão do sistema social, o tabu e a moral surgem como elementos elucidativos da consciência individual e da consciência coletiva.

O grupo religioso é tratado no cap. 4 como um fenômeno religioso em si mesmo. Varia o grupo religioso quanto a extensão geográfica e na dimensão histórica. A sociologia não pode ignorar estas características. O A. propõe uma tipologia cujos critérios são as dimensões espacial e temporal: a "capelinha", a seita, a confissão, a igreja nacional e a igreja internacional. Não há grupo religioso sem uma hierarquia, daí os discípulos, irmãos, iniciados, semi-iniciados, sábios, sacerdotes e profetas.

Enquanto o profeta é visceralmente não-conformista, o sacerdote é visto como personagem estruturalmente conservador.

Concluindo seu pequeno livro, aponta o A. na Conclusão, os critérios de vitalidade de uma religião: 1) a busca de intimidade com a divindade; 2) o lugar ocupado pela divindade na vida cotidiana; 3) a preocupação de respeitar a ética individual e coletiva proveniente das crenças afirmadas, e 4) a preocupação de conquista. Tais elementos indicam a maior ou menor vitalidade das religiões, que nascem, evoluem e algumas morrem.

Embora introdutório, o livro do Prof. Lagenest deve figurar ao lado dos trabalhos sobre religião no Brasil. Já temos no país excelentes pesquisas sobre religião. Ao lado do ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião — RJ) e do CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos — FFLCH — USP) destacam-se os nomes dos profs. Maria Isaura P. de Queiroz, Cândido P. Camargo, P. Demo, A. Crippa, E. Hoornaert, Douglas T. Monteiro, M. Cecília França. Possam outros pesquisadores nacionais imitar a seriedade destes professores, e trazer ao Brasil o vigor científico de um M. Eliade, R. Bastide, G. le Bras, H. Desroche, Dumézil, Lévy-Bruhl, entre outros clássicos do estudo das religiões. — **Januário Francisco Megale.**

CACCESE, Neusa Pinsard — Festa. Contribuição para o estudo do Modernismo. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (USP), 1971. 242 p. (Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros, 18).

Integrando um plano global elaborado pelo Prof. José Aderaldo Castello e publicado como introdução à pesquisa de Roseliá Oliveira de Nápoli — **Lanterna Verde e o Modernismo** sobre "A pesquisa de periódicos na literatura brasileira", o trabalho de Neusa Pinsard Caccese analisa o periódico modernista **Festa** e o grupo formado à sua volta. A partir deste ponto de referência, oferece subsídios para o estudo do movimento renovador desencadeado nos anos 20 no Rio de Janeiro, confrontando com o de São Paulo, até a metade da década de 30.

A revista **Festa** circulou no Rio de Janeiro em duas fases distintas: a 1.^a, de 1.^o de outubro de 1927 a 15 de setembro de 1928, durou doze números; a 2.^a fase, com nove números, durou de julho de 1934 a agosto de 1935. Inicialmente contava com um grupo de "proprietários", expressão depois substituída por "diretores", que constituíam seus principais colaboradores, a que se juntaram outros nomes de importância. Na 2.^a fase, porém, apenas Andrade Murici e Tasso da Silveira figuraram como diretores.

Seguindo os passos do plano mencionado e valendo-se de uma linguagem clara e fluente, não só foi levantada toda a colaboração contida na revista, como organizada em quatro partes a sua matéria. As duas fases foram consideradas separadamente, porque existe entre elas uma "diferença substancial", que a própria apresentação gráfica exemplifica concretamente. Ainda, na 2.^a fase, há dispersão dos elementos colaboradores e talvez não se acreditasse numa ação de grupo, passada a fase de combate do Modernismo.

De início, foi realizada a apresentação material do periódico, evidenciadas suas características externas, peculiaridades e inovação gráfica, enfim todos os elementos que o particularizam. A relação dos colaboradores, pondo em destaque a figura do mecenas Moisés Marcondes, e a discussão sobre a existência de um grupo em redor da revista completam esta primeira parte. Na conceituação sobre o grupo, além da identidade ideológica, é apontada a posição de combate de **Festa**, sua atitude polê-